

TEXTO 02: Na trilha do conhecimento: compreendendo o fenômeno racial

Antes de tudo, esse é um convite pra respirar e chegar. Pra olhar pra nossa história com respeito, escuta e presença.

Chegar até aqui já é parte da luta: a luta de estar vivo, de continuar sonhando, de ocupar os espaços que por tanto tempo disseram que não eram nossos.

Antes de qualquer teoria, o texto 02 é um convite para sentir, pensar e reconhecer o nosso lugar nessa história. Até mesmo porque talvez seja este o principal sentido de se “colocar na trilha”, manter-se em movimento, mas não qualquer movimento, precisamos de um que seja atento, consciente, político, coletivo.



*É tempo de caminhar em fingido silêncio,
e buscar o momento certo do grito,
aparentar fechar um olho evitando o cisco
e abrir escancaradamente o outro.*

*É tempo de fazer os ouvidos moucos
para os vazios lero-leros,
e cuidar dos passos assuntando as vias
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.*

*É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.*

*É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos,
e que venham os dias futuros [...]
a mística quilombola persiste afirmando:
“a liberdade é uma luta constante”.*

*(Tempo de nos aquilombar – Conceição
Evaristo)*

O Fenômeno Racial, a Educação Popular, os Movimentos Sociais e as Estratégias de Enfrentamento ao Racismo.

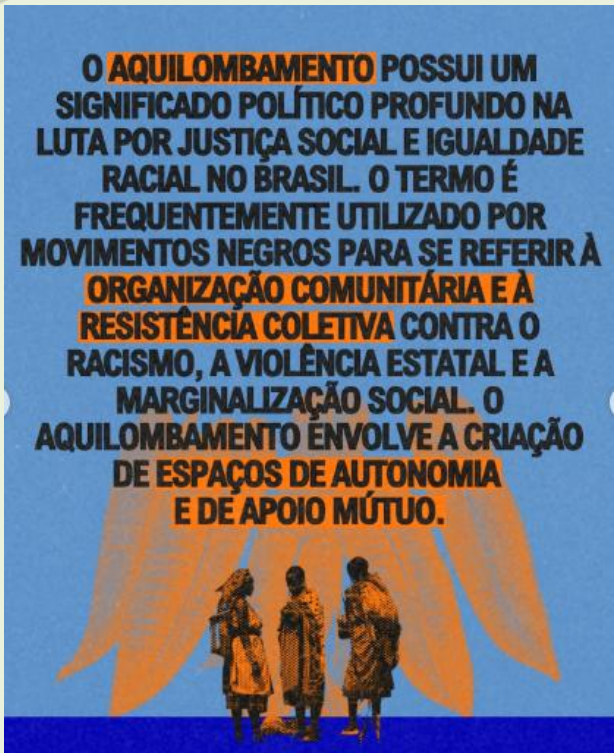
A luta antirracista no Brasil não nasce nos gabinetes, nem nas instituições do Estado. Ela nasce no corpo e na voz da população negra, nos quilombos, nas periferias, nas escolas e nas ruas, e, sabemos, demorou muito para ser “ouvida”.

É uma luta que atravessa séculos e se reinventa a cada geração. Desde a escravidão, os movimentos negros têm sido os principais agentes de resistência, denunciando o racismo estrutural e criando caminhos para que a população negra possa florescer com dignidade.

Mais do que uma história de dor, essa é uma história de organização, de coragem e de invenção. É sobre o poder de transformar indignação em movimento, palavra em ação, e comunidade em força política.

Por isto a referência, logo no início deste segundo texto, para a perspectiva do quilombamento.



 O AQUILOMBAMENTO POSSUI UM SIGNIFICADO POLÍTICO PROFUNDO NA LUTA POR JUSTIÇA SOCIAL E IGUALDADE RACIAL NO BRASIL. O TERMO É FREQUENTEMENTE UTILIZADO POR MOVIMENTOS NEGROS PARA SE REFERIR À ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E À RESISTÊNCIA COLETIVA CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA ESTATAL E A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL. O AQUILOMBAMENTO ENVOLVE A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE AUTONOMIA E DE APOIO MÚTUO.	Dica de leitura e pesquisa: <i>Dicionário de Favelas Marielle Franco:</i> Lançado em 2019, no Instituto de Comunicação e Informação Científica em Saúde (ICICT-Fiocruz), começou a ser formulado em 2016 através de uma rede formada por lideranças comunitárias, instituições acadêmicas e coletivos locais que hoje compõem o Conselho Editorial. O Dicionário de Favelas Marielle Franco se baseia em uma plataforma virtual aberta, gratuita e livre que funciona de forma colaborativa, reunindo conhecimento sobre as favelas e periferias em formato de verbetes que podem ser enviados por qualquer um(a) que esteja inscrito(a) como colaborador(a). O projeto, com isso, tem como objetivo favorecer a preservação da memória e identidades coletivas dos(as) moradores(as) das favelas e periferias do Brasil (e do mundo), como parte do compromisso com a expansão da cidadania e do direito à cidade. Acesse: https://wikifavelas.com.br/index.php/Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco
--	--

Fonte: <https://www.instagram.com/bem.tv/>

Como nos ensina Conceição Evaristo, *“é tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos”*, daí a perspectiva de *“enegrecer o SUAS”*, com o sentido de ampliar os conhecimentos acerca da história e dinâmica das relações raciais no Brasil, como forma de evidenciar os impactos do racismo estrutural e institucional no cotidiano da política pública da Assistência social.

Este curso, é uma forma de exercitar a lição apresentada por Conceição Evaristo, que afirma que *“é tempo de caminhar em fingido silêncio, e buscar o momento certo do grito, aparentar fechar um olho evitando o cisco e abrir escancaradamente o outro”*. A educação permanente no SUAS, pode e deve ser um espaço para o grito, para o olhar atento, escancarado, para as situações vividas por nossa população e que *deságuam* diretamente no SUAS, que devem ser percebidas, acolhidas e tratadas no cotidiano. É a possibilidade de reflexão política em relação às práticas, de refinamento e fortalecimento do Sistema, possibilidade de construir algo novo *na e para* a política. Este curso é uma aposta no muito que temos para lapidar e construir.

Educação Popular como Caminho de Luta e Liberdade

Neste texto, em que nos propomos a refletir os conceitos de Raça, Racismo, Etnia, Preconceito e Discriminação racial, a partir da atuação dos Movimentos sociais em suas estratégias de enfrentamento ao racismo, nos encontramos com a **Educação Popular como Caminho de Luta e Liberdade**.

No primeiro texto fizemos um esforço de conceituação, de dar nome para as violações e ausências, tratamos sobre os sentidos e significados do racismo estrutural, institucional e científico, apresentamos os conceitos de preconceito, discriminação, estereótipo, branquitude e privilégio. Neste, buscamos olhar *“pra nossa história com respeito, escuta e presença [...] convite para sentir, pensar e reconhecer o nosso lugar nessa história”*, e, para isto o caminho encontrado é o da Educação Popular.

Educação Popular

Educação que valoriza a diversidade, a dialogicidade, as diferentes histórias de vida do grupo, que respeita seus conhecimentos prévios e acredita que os conhecimentos se constroem coletivamente e que ninguém sabe mais que ninguém, mas que todos aprendem e ensinam, ao mesmo tempo.

Autoria: Noelia e Equipe do Dicionário de Favelas Marielle Franco.

Fonte: Dicionário de Favelas Marielle Franco, disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Educa%C3%A7%C3%A3o_Popular

Desde o período colonial, a Educação Popular esteve presente em experiências de resistência, como os quilombos que, além de espaços de fuga, eram escolas de liberdade, territórios de saberes e espiritualidade africana (Pinto, 1993). Ali, o povo negro recriava suas formas de existir, resistindo à tentativa de apagamento cultural e físico.

Com a abolição inconclusa e o racismo institucionalizado, o Estado negou à população negra o acesso à educação, à terra e à cidadania (Passos, 2012). Foi nas brechas dessa negação que os movimentos negros organizaram suas próprias formas de educar e lutar. As escolas noturnas, os grêmios culturais e as associações de trabalhadores criadas nas décadas de 1930 e 1940 representaram atos de insubmissão e construção de autonomia.

Sendo assim, a Educação Popular é uma proposta política da classe trabalhadora, uma prática de libertação dos oprimidos (Freitas, 2007), que, historicamente, sempre esteve presente nas lutas da população negra. Essa forma de se organizar, brilhantemente teorizada por Paulo Freire, parte da vida concreta dos sujeitos e de suas perguntas sobre o mundo. Ela se constrói nos

diálogos, nas experiências e nas ações coletivas, porque não existe neutralidade na educação. Toda educação é um ato político.

Neste sentido, pontuado por Freire, educação deve ser prática para a liberdade, ocasião em que a integração entre o reconhecimento da opressão e o desejo de mudança, nos aponta para a superação da acomodação, resultando na nossa capacidade de ajustar-se à realidade, acrescida da possibilidade de transformá-la a partir do aprofundamento da nossa capacidade crítica.



Fonte: <https://outraspalavras.net/blog/contr-a-barbarie-educacao-popular/>

“Eu morreria feliz se visse o Brasil, e seu tempo histórico, cheio de Marchas. Marchas dos que não têm escola. Marcha dos reprovados. Marcha dos que querem amar e não podem. Marcha dos que se recusam a uma obediência servil. Marcha dos que se rebelam. Marchas dos que querem ser e estão proibidos de ser. Estas Marchas históricas revelam o ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo” (Paulo Freire)

Fonte: Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.

A utilizamos, nos valendo de sua simbologia, alegoria que remete os conceitos de Raça, Racismo, Etnia, Preconceito e Discriminação racial, à atuação dos Movimentos sociais em suas estratégias de enfrentamento ao racismo, com recorte para a Educação Popular, buscamos confluir a sabedoria quilombola, com a pedagogia para a liberdade e libertação de Paulo Freire, que propõe uma educação popular, dialógica, pensada e praticada coletivamente com os oprimidos.

Parece-nos ser esta, a situação desejada para as possibilidades de “*enegrecer o SUAS*”, uma projeto que precisa ser de construção política, ativa, cotidiana, não para os oprimidos, mas com os que vivenciam as opressões do racismo, do preconceito e da discriminação racial. Ana, companheira de Paulo, ao apresentar os ensaios da Pedagogia da Indignação de Paulo Freire, afirma:

[...] as cartas embora com diferentes temas, estão molhadas, como ele mesmo gostava de dizer, de coerência e de esperança, como também da sua mais justa raiva ou indignação, que, dialeticamente relacionada com a sua amorosidade,

levam, como ele mesmo entendia, às ações éticas capazes de denunciarem o feio, o injusto e o perverso, e anunciarem os 'inéditos viáveis' embutidos nas utopias esperançosas, nos sonhos humanistas que deveremos tornar possíveis de democracia, de justiça e de tolerância (Freire, 2000).

Se delineia para nós, uma aliança entre educação popular e atuação na política, a partir do trabalho no SUAS. Como afirma Brandão (2002), a Educação Popular nasce das contradições do capitalismo latino-americano e se recria conforme os sujeitos se transformam. Ela não é uma receita, mas um processo vivo, feito na caminhada. É um instrumento de humanização, que permite que cada pessoa conte a sua própria história e que essas histórias sejam reconhecidas como conhecimento.

Essa perspectiva foi e continua sendo central nas estratégias de enfrentamento ao racismo: quando o povo negro assume sua própria narrativa, rompe-se o ciclo de silenciamento imposto pela colonialidade e pela branquitude. Como lembra Arroyo (2007), educar na vulnerabilidade é abrir espaço para que os sujeitos expressem suas indagações sobre a vida, a cidade e o mundo, é devolver dignidade e voz a quem foi historicamente tratado como resto.

A Frente Negra Brasileira (FNB) e, posteriormente, o Movimento Negro Unificado (MNU), são expressões dessa trajetória coletiva (Domingues, 2008). Essas organizações perceberam que a alfabetização e a formação política eram ferramentas estratégicas para a emancipação da população negra. A luta pela educação sempre foi também uma luta por reconhecimento e redistribuição de poder.

Inspirados por movimentos internacionais, como o Partido dos Panteras Negras, no contexto das décadas de 1960 e 1970, os militantes do MNU denunciaram o genocídio da juventude negra e o mito da democracia racial (Nascimento, 1978; Domingues, 2007). Mesmo com a repressão da ditadura, a luta permaneceu viva, reinventando suas formas de resistência, das ruas às universidades, dos terreiros às escolas.

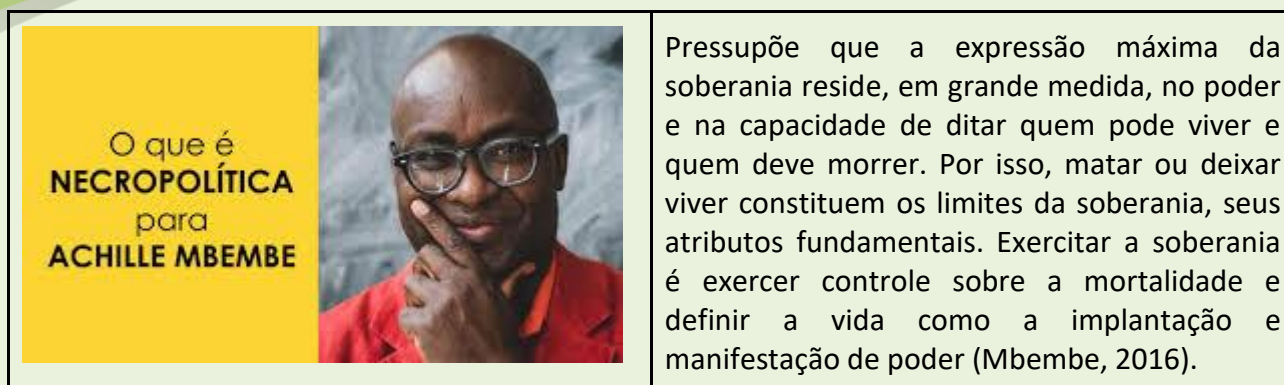
Hoje, as lutas se ampliam e se articulam em múltiplas frentes: nos coletivos de juventude, nas redes de mulheres negras e travestis, nas quebradas, nas políticas públicas e por uma luta de convicção antirracista, no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Os movimentos sociais têm denunciado o genocídio da juventude negra, os impactos da guerra às drogas e as desigualdades no acesso à educação, à moradia e à cultura (Cerqueira, 2017; Rezende, 2011; Carvalho, 2015).

Em 2023, o Atlas da Violência mostrou um retrato duro do país que a gente vive. Entre cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 78 são negras. Ou seja, a cada pessoa não negra morta, quase três pessoas negras são assassinadas. Esses números não são apenas estatísticas, eles escancaram um projeto de poder que insiste em decidir quem tem o direito de viver.



Fonte: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/280/atlas-2023-populacao-negra>

No Brasil, a violência tem CEP- (cor, endereço e pobreza) e o peso continua caindo sobre os mesmos corpos, os mesmos territórios, as mesmas vidas negras que o Estado insiste em silenciar. Essa realidade não é um acidente. É o resultado de uma necropolítica que há séculos organiza quem pode viver e quem pode morrer.



Fonte: MBEMBE, Achille. Necropolítica: biooder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Como diz Taddeu (2012), a gente vive uma guerra não declarada, uma guerra que não aparece nas manchetes, mas que acontece todos os dias nas periferias, nas favelas, nas quebradas. Uma guerra que interrompe sonhos, apaga futuros e tenta calar vozes. Denunciar isso é uma forma de resistência. Continuar vivo, sonhar e ocupar espaços que diziam não ser nossos também é reafirmar a vida, o direito de existir, e transformar essa dor em luta, em política e em esperança.

Diante disso, os movimentos sociais têm construído estratégias de enfrentamento e organização popular:

- Educação Popular e Comunicação Comunitária, que transformam a escola e os territórios em espaços de resistência e formação crítica.
- Incidência política e participação social, com a presença do movimento negro nos conselhos de direitos, conferências e audiências públicas.
- Cultura e arte negra como ferramentas pedagógicas nas escolas, que reafirmam identidades e promovem autoestima.
- Produção de conhecimento periférico e antirracista na pesquisa científica, tensionando as universidades e a ciência hegemônica.
- Fortalecimento das culturas nas periferias, disseminando a cultura preta, como o Movimento Hip-Hop e a literatura marginal.

Essas ações mostram que o enfrentamento ao racismo exige mais do que políticas afirmativas: exige reparação histórica e transformação estrutural. Como lembra Abdias do Nascimento (1978), a luta negra não é um “problema racial brasileiro”, mas um problema africano no Brasil, é a luta por reconhecimento da humanidade negada, por reescrever a história e reconstruir o futuro.

Trata-se de um compromisso ético, uma “ética de convicção antirracista” (Santos, 2005), que precisa atravessar o Estado, as políticas públicas e, sobretudo, as práticas cotidianas de quem atua no SUAS.

Assim, enegrecer o SUAS significa compreender que as vulnerabilidades sociais têm cor, território e história. É reconhecer que o racismo estrutura o acesso (ou a falta dele) às políticas públicas. Significa olhar para a assistência social não como espaço de caridade, mas como campo de disputa por direitos e justiça racial.

A Educação Popular, como prática política, segue tecendo caminhos possíveis. Ela nos lembra que os corpos negros sempre produziram saber, resistência e esperança e que, como diz Paulo Freire (1996), ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. É nessa comunhão, na partilha das lutas e dos sonhos, que o SUAS pode se tornar realmente antirracista e popular.

Conquistas dos movimentos sociais na luta por Direitos:

Antes de tudo, esse é um convite pra olhar pra nossa história com esperança e consciência. Cada conquista dessa linha do tempo é fruto da organização das juventudes, dos movimentos sociais e da luta cotidiana por direitos. Olhar para essas vitórias é reconhecer que nada foi dado, tudo foi resultado de mobilização, afeto e coragem coletiva, e que seguir sonhando e lutando também é parte da nossa história.

1998 -Direito ao voto a partir dos 16 anos.

1998 - Criação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

1999 -Criação do Programa de Financiamento Estudantil (FIES).

2004 - Criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI).

2005 - Criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e do Conselho Nacional de Juventude (CONJUBE).

2005 - Instituição do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), marco na garantia de direitos e na proteção social das juventudes em vulnerabilidade.

2008 - Realização da 1ª Conferência Nacional de Juventude.

2009 - Reformulação do ENEM e criação do SISU, tornando o exame principal via de acesso ao ensino superior público.

2011 - Criação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC).

2013 - Instituição do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013).

2013 - Criação do Observatório Participativo da Juventude.

2015 - Criação do Programa Identidade Jovem (ID Jovem).

2016 - Consolidação da Política Nacional de Assistência Social e ampliação dos CRAS e CREAS, fortalecendo a presença do SUAS nas periferias e territórios.

2023 - Realização da 4ª Conferência Nacional de Juventude.

2023 - Lançamento do Plano Juventude Negra Viva.

Poesia: Sem título, Kamvula Dudu

Paranoá, 04 de Abril de 2024

Uma carta
Uma cortesia
Minha dor impregnada
No mundo
Que nunca respira calmo
Que nunca me deixa chegar
Logo eu, vindo de outro lugar
Você nunca me acompanha
Ou faz troca comigo
Cria tanta tecnologia
Que acaba deixando para trás
A correria do meu dia a dia
Quero um novo celular
Há um tempo eu não queria...

Eu não vivi o meu fim ainda
Continuo buscando adiar
Mantenho a diáspora
Onde ancestrais meus
Toda hora mudam de lugar
Eu que não rebole não
Para sustentar sem me alienar
Minha tia se foi
Minha avó fez a passagem
O máximo da perda do sangue
Que presenciei
Perdi já muita família na rua

Para a rua, Mundo
Meus pares andando sem rumo
Falta dinheiro
Falta fortuna
Falta herança
Não falta legado
Essa ausência do segundo milênio
Que impuseram na goela do meu povo
A tranca, nossa chaga
A morte...
A escadaria da batalha
O verbo rasgado e preso
A garganta que arde
A glote inflamada
A porção caprichada de medo
Eu avanço, seu Mundo
Não caio em seu segredo
Percebo toda a sua maldição
Eu sou um universo em crise
Você é somente ilusão
Meu jeito de me manter
É o sangue na veia
Unindo força para sobrevivência
Mas, quero viver!
Quero fugir de sua teia
Por isso: que se acabe esse mundo
Que se acabe você!
Que possamos partilhar outro sol!
Algum dia.
Agradeço o milagre da vida

A saúde de prata que possuo
Meus sonhos de ouro
Minha mãe!
Não tive muito prazer em te conhecer não, Mundão
Mas, tou na trincheira
No campo, na luta!
Preciso pensar melhor
Sobre o que quero no fim!
No clichê todos sabemos!
O óbvio é sempre o que está faltando...

Que a minha jornada seja longa
Para trabalhar e mudar a realidade
Realidade e mundo, Mundo...
Você me confunde demais!
Que chegue o seu fim
E comece a nossa era!
A era do eterno é!
Quem te manda não somos nós!
Criaremos na marra
Um mundo novo
Com a nossa cara,
A nossa gana
A nossa Voz!
A gente se encontra por aí, Mundo!

Fonte: Livro "Cartas para adiar o fim do Mundo- Projeto Poesia nas Quebradas e Núcleo de Estudos, Organização e Difusão do Conhecimento em Literatura Marginal- NEOLIM".

A poesia de Kamvula Dudu é um desabafo e, ao mesmo tempo, um chamado. Ela nasce da dor, mas também da força de quem insiste em existir num mundo que tenta calar. É uma escrita que vem da rua, da correria, da saudade e da resistência. Fala de perda, mas também de herança e de legado. No fundo, é um recado pra lembrar que a luta continua, que o fim do mundo pode ser, na verdade, o começo de outro: um mundo feito com a nossa cara, com a nossa voz e com a nossa coragem de sonhar juntos (as).

Dicas Culturais:

Para ampliar nossas reflexões e repertório sobre os temas discutidos no curso, seguem algumas indicações culturais:

🎬 Documentário “O Negro no Futebol Brasileiro” (HBO) : apresenta a trajetória e o impacto das pessoas negras na história do futebol nacional, revelando como o esporte também foi um espaço de resistência, afirmação e enfrentamento ao racismo.

🎬 Episódio 4 da série “Guerras do Brasil.doc” (Netflix ou YouTube) : aborda como surgiram e se organizaram as principais facções criminosas no país, relacionando esses processos às desigualdades sociais e à ausência de políticas públicas nos territórios periféricos.

🎬 Filme “[Eu Não Sou Seu Negro](#)” (Youtube): baseado nos escritos de James Baldwin, o filme traça uma poderosa análise sobre o racismo nos Estados Unidos e convida a refletir sobre as semelhanças com a realidade brasileira.

Link: < <https://youtu.be/LAfLH2cTEOQ?si=tTtFShSejVbGrGR3> >

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel. **Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?** Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 5–19, ago. 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã.** São Paulo: Vozes, 2002.
- CARVALHO, Rayane Teixeira. **Uma reflexão sobre a guerra às drogas e as periferias do Distrito Federal.** 2015. Trabalho acadêmico.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2017.** Nota Técnica n. 18. Brasília: IPEA, 2017.
- DOMINGUES, Petronio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo, v. 12, p. 100–122, 2007.
- DOMINGUES, Petronio. **Um “templo de luz”! A Frente Negra Brasileira (1931–1937) e a questão da educação.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 13, n. 39, p. 517–534, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000. (Edição organizada por Ana Maria de Araújo Freire.)
- FREITAS, Maria Virgínia de. **Juventude, educação e política: o que há de novo?** Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 39–52, 2007.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- PASSOS, Joana Célia dos. **As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos.** In: LAFFIN, Maria Hermínia (org.). Educação de jovens e adultos e educação na diversidade. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- PINTO, Regina Pahin. **Movimento negro e educação do negro: a ênfase na identidade.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 86, 1993.
- REZENDE, Bruno Vinícius Rodrigues Gomes. **A ilusão do proibicionismo: estudo sobre a criminalização secundária do tráfico de drogas no Distrito Federal.** 2011. 148 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos sociais negros: a emergência de “novos” agentes antirracistas pós década de 1980.** In: MILLER, Tânia Pedrosa (coord.). Negros e Negras: pesquisas e debates. Brasília: [s.n.], 2005.
- TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado.** São Paulo: Edição independente, 2012.